



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

SOFIA ALMEIDA BRAGA

**O SUJEITO DE DESEMPENHO NO NEOLIBERALISMO: PARADOXO DA
LIBERDADE E AUTOEXPLORAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.**

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2026

SOFIA ALMEIDA BRAGA

**O SUJEITO DE DESEMPENHO NO NEOLIBERALISMO: PARADOXO DA
LIBERDADE E AUTOEXPLORAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.**

Trabalho de Conclusão de Curso II
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel em Relações
Internacionais.

**Orientador: Prof. Dr. Thiago Fernandes
Franco**

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2026

SOFIA ALMEIDA BRAGA

**O SUJEITO DE DESEMPENHO NO NEOLIBERALISMO: PARADOXO DA
LIBERDADE E AUTOEXPLORAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II
apresentado ao Curso de Relações
Internacionais da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial para obtenção
do grau de bacharel em Relações
Internacionais.

**Orientador: Prof. Dr. Thiago Fernandes
Franco**

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Thiago Fernandes Franco

Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos

Francisco Luiz de Andrade Neto (UFBA)

SÃO CRISTÓVÃO-SE

2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha família por fazer o possível e o impossível acontecer. Aos meus tios, Jusselio e Cássia pelo apoio incondicional que sempre me deram, por toda sabedoria, amor, incentivo e confiança que me proporcionaram, por estarmos juntos nos momentos mais difíceis e desafiadores e, mesmo assim, conseguirmos superar com graça e leveza, sem vocês nada seria possível, inclusive esse trabalho, muito obrigada por tudo, sempre. À Mariana e Vinicius, sem vocês dois ao meu lado também nada seria possível, obrigada por sempre estarem presentes, seja nos surtos de ansiedade e choros ou seja na alegria, agradeço por sempre me ouvirem, mesmo quando não faz sentido, por sempre acreditarem em mim e por todo suporte que me deram para além das palavras, mas, principalmente, por ações.

À Ione, que sempre se fez presente, que sempre esteve ali para me confortar, incentivar, para aconselhar, conversar, cozinhar juntas e, especialmente, para cuidar, obrigada por sempre estar ao meu lado. Agradeço, imensamente, a minha mãe, Ioná (in memoriam), que mesmo partido deste plano tão cedo me ensinou valores fundamentais que se tornaram a base do que sou hoje, que me ensinou a ser forte e persistente, mas além disso, me ensinou que não tem limites para sonhar e que me presenteou com as pessoas que hoje são a base de tudo.

Aos meus amigos, agradeço todos vocês que ficaram do meu lado e me apoiaram. À Júlia que desde criança está do meu lado, que sempre acreditou em mim, até quando eu mesma não acreditava, obrigada por ser meu ombro amigo e acolhedor, por sempre me escutar e estar comigo nos momentos mais difíceis e mais alegres. Às minhas amigas da faculdade, vocês que fizeram tudo ser mais leve, mesmo nos momentos mais desesperadores, obrigada por arrancar as minhas risadas nas tardes, pelas conversas, desabafos, pelos cafés no meio da tarde, pelas piadas e por cada “get together”, obrigada por todos os momentos, vocês fizeram meus dias mais felizes. Um agradecimento, em especial, para Maria Eduarda, obrigada por sempre estar comigo, todos os dias e todas as horas, apesar dos conflitos e dos temperamentos, obrigada por sempre estar presente e acreditar em mim, por sempre estar disposta a me ajudar, por sempre me escutar, mesmo que eu repita a mesma coisa milhões de vezes, muito obrigada por estar comigo nessa jornada. Um agradecimento profundo e sincero também, para todos aqueles que eu encontrei pelo meu caminho e que se tornaram peças preciosas da minha vida, em especial à Thainá e Lucas. Obrigada à todos por me fazerem quem sou hoje e me ajudarem a chegar onde cheguei.

RESUMO

Este trabalho examina como o sujeito de desempenho se constitui no contexto neoliberal e o paradoxo presente entre autonomia e autoexploração na sociedade contemporânea. A investigação começa com a premissa de que o neoliberalismo, ao transferir o controle externo para a autogestão do próprio indivíduo, transforma o sujeito em empresário de si mesmo, responsável integralmente por seus êxitos e fracassos. O estudo tem como objetivo investigar como o discurso neoliberal transforma a vida dos trabalhadores, produzindo novas formas de dominação subjetiva sob o discurso de liberdade, impulsionando a autoexploração e uma lógica de desempenho exacerbado. A metodologia empregada tem um caráter qualitativo e com abordagem exploratória, fundamentada em autores como Byung-Chul Han, Dardot & Laval, Jonathan Crary e Pascal Chabot, permitindo realizar uma análise crítica das transformações do trabalho, da produtividade e da subjetividade. Na pesquisa é concluído que, o sujeito contemporâneo é movido pela exigência constante de produtividade e por toda a racionalidade neoliberal. Logo, internaliza as formas de controle e se torna simultaneamente explorador e explorado de si próprio, a sua liberdade é manipulada em uma lógica de excelência e competitividade, aprisionando o indivíduo em uma lógica de desempenho constante, nesse processo, o sujeito atinge o seu limite máximo e colapsa, relevando o caráter ilusório da liberdade na sociedade neoliberal.

Palavras-chave: Sujeito de desempenho; Neoliberalismo; Autoexploração; Competitividade; Liberdade.

ABSTRACT

This work examines how the subject of performance is constituted in the neoliberal context and the paradox between autonomy and self-exploitation in contemporary society. The investigation begins with the premise that neoliberalism, by transferring external control to the self-management of the individual, transforms the subject into an entrepreneur of themselves, fully responsible for their successes and failures. The study aims to investigate how neoliberal discourse transforms the lives of workers, producing new forms of subjective domination under the discourse of freedom, driving self-exploitation and a logic of exacerbated performance. The methodology employed is qualitative and exploratory in nature, grounded in authors such as Byung-Chul Han, Dardot & Laval, Jonathan Crary, and Pascal Chabot, allowing for a critical analysis of the transformations of work, productivity, and subjectivity. The research concludes that the contemporary subject is driven by the constant demand for productivity and by neoliberal rationality. Therefore, they internalize forms of control and simultaneously become exploiters and exploited of themselves. Their freedom is manipulated in a logic of excellence and competitiveness, imprisoning the individual in a logic of constant performance. In this process, the subject reaches their maximum limit and collapses, revealing the illusory nature of freedom in neoliberal society.

Keywords: Subject of performance; Neoliberalism; Self-exploitation; Competitiveness; Freedom.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CAPÍTULO 1: Uma Crítica ao Pensamento Neoliberal.....	9
3. CAPÍTULO 2: O Ciclo Vicioso da Autoexploração.....	17
4. CAPÍTULO 3: A Internalização da Competitividade e da Autocobrança no Trabalho. 25	
5. CONCLUSÃO:.....	32
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	34

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade investigar através de uma análise bibliográfica como o discurso neoliberal transforma a vida dos trabalhadores tanto nas suas ações, como psicologicamente, modificando a sua noção de liberdade em um mecanismo de performance e, conseqüentemente, impulsionando a autoexploração, e uma lógica de desempenho exacerbado.

Para tal análise, foi dividido em três capítulos. O Capítulo 1 apresenta uma crítica ao pensamento neoliberal, destrinchando primeiramente como o trabalho é entendido e executado, posteriormente, analisa os modelos capitalista de produção, principalmente o Fordismo e o Taylorismo, entendendo como a sociedade era organizada política e economicamente, assim como também como o sujeito era visto e moldado. Dando sequência ao capítulo será tratado sobre a crise do modelo liberal do século XX e a transformação para o neoliberalismo, definindo os conceitos de liberalismo e neoliberalismo, as crises do sistema econômico, a tentativa de superação, o nascimento do neoliberalismo e todas as suas implicações, como por exemplo, a nova forma de organização social, passando da sociedade da negatividade para a sociedade da positividade, da caracterização do sujeito como sujeito de desempenho, de funcionários para “empreendedores de si mesmos” e as novas formas de coação, colocando em evidência na análise de todo o trabalho, a autoexploração.

Isto exposto, o Capítulo 2 aborda mais especificamente o sujeito de desempenho. Discutindo assim qual o seu papel no sistema neoliberal, como ele se tornou um sujeito de desempenho, como esse indivíduo é manipulado pela estrutura, para exercer as suas funções com seu discurso ilusório da crença de que tudo é possível se trabalhar em prol de algo, instalando assim toda a culpa de possíveis erros no sujeito e, a partir do discurso utópico neoliberal, somando a isso, se desenvolve a autoexploração, uma coação sutil, psicológica, pela manipulação, que faz o próprio indivíduo se explorar, se submeter. De forma a aprofundar o conhecimento sobre o sujeito de desempenho, a estrutura por trás da criação deste sujeito e a lógica de competitividade são abordados de maneira individual em um subtópico, ressaltando que o sujeito de desempenho é um indivíduo criado pelo sistema e não algo que surgiu de maneira natural, ou criado por terceiros e que a competitividade é a força motriz do sistema neoliberal. Para além disso, também é discutida a ilusão da liberdade e a autoexploração do sujeito, uma vez que para entender melhor como este se comporta na sociedade é preciso compreender como as suas ações foram manipuladas por um discurso de falsa liberdade, que obteve como consequência a autoexploração.

O Capítulo 3, por sua vez, procura aprofundar a análise sobre a internalização da competitividade e autocobrança no trabalho e sobre o funcionamento do sujeito no seu ambiente de trabalho. Para isso foi-se analisado primeiramente sobre a tirania da positividade e o trabalho no neoliberalismo, abordando como a positividade é imposta não apenas no ambiente de trabalho, mas em todos os âmbitos da vida do indivíduo, mostrando também as suas consequências. Outrossim, um tópico destrinchado será a ditadura da excelência, imposta aos sujeitos de desempenho, que devem sempre ser os melhores, ter alta produtividade e alcançarem metas irreais para se provarem bons, neste subtópico, será apresentando também algumas das consequências na sociedade que este pensamento impõe. Por fim, é debatido sobre o colapso do eu, sendo este o sujeito de desempenho, mostra como a estrutura do capitalismo vigente, o neoliberalismo, opera e faz o sujeito se desgastar cada vez mais, com as suas altas demandas, expectativas e cobranças, fazendo o indivíduo trabalhar, se provar e tentar ser perfeito até o ponto que chega ao seu limite, e ele colapsa, atingindo o seu esgotamento e esvaziando os seus sentidos. Após a apresentação dos três capítulos será feita as considerações finais, em que há uma amarração das ideias trazidas e o seu ponto principal para análise.

Para mais, a pesquisa tem um caráter qualitativo e com abordagem exploratória, fundamentada por uma revisão bibliográfica de obras de diversos autores que discutem sobre o neoliberalismo e seus efeitos na sociedade contemporânea. Dessa forma, a pesquisa se dará a partir da análise de obras bibliográficas, abordando como principais autores, Byung-Chul Han, Dardot & Laval e outros pensadores críticos ao sistema neoliberal.

Sob essa perspectiva, a metodologia abrange a leitura desses textos, interpretando-os e comparando-os para buscar um maior entendimento de como é visto o neoliberalismo nos dias atuais e o seu funcionamento, como os autores discutem sobre o impacto desse sistema na vida dos trabalhadores, de que maneira essa lógica influenciou e mudou os seus comportamentos e formas de pensar, gerando consequências na sua relação com o trabalho, nas relações sociais e consigo mesmo. Portanto, o foco principal será no conceito de neoliberalismo e como este influência na mudança de comportamento do trabalhador, a sua relação com desempenho e autoexploração e, com a sua subjetividade.

2. CAPÍTULO 1: Uma Crítica ao Pensamento Neoliberal

2.1. O TRABALHO:

Para compreender a autoexploração, o seu ciclo e como esta afeta o sujeito de desempenho, é necessário, primeiramente, definir o que entendemos por trabalho, visto que é um dos pontos-chaves da análise desta pesquisa. O trabalho, pode significar e se referir a diversos processos e atividades, como por exemplo, o “trabalho de parto”, que demonstra um “senso imenso de criatividade e extrema dor”. De alguma maneira, certos trabalhos envolvem um alto nível de produtividade e criatividade, que podem gerar um cansaço mental, enquanto outras envolvem um processo monótono, que envolve estresse, movimentos repetidos, exposição a ambientes impróprios para indivíduos (Huws, 2019, p.15).

Além disso, cada indivíduo é um ser único, com suas particularidades, humores e condições, contudo, o trabalho por meio da automação faz com que cada pessoa se torne em uma máquina individual, provocando com que não precise se “engajar conscientemente com sua realidade desagradável” (Huws, 2019, p.16), distanciando assim a palavra “trabalho” do seu sentido primitivo, que se refere a uma atividade humana em que os indivíduos cuidam uns dos outros (Huws, 2016).

Do mesmo modo, de acordo com Karl Marx (1867) o trabalho seria uma relação de modificação mútua entre o homem e a natureza, Zgiet (2021, p.49) ainda traz o autor Sávtchenko (1987), que corrobora e define como uma “atividade racional humana com a qual o homem adapta os objetos da natureza para satisfazer suas necessidades”.

Portanto, é possível perceber que o “homem” e suas forças de trabalho são fundamentais para que os objetos se tornem bens, segundo Sávtchenko (1987, p.12), a força produtiva e o poder do homem sobre a natureza são a base do desenvolvimento da sociedade. Dessa forma, o trabalho pode ser entendido com um caráter social, visto que é uma relação entre os indivíduos e o mundo, assim como também é percebido inicialmente como algo orgânico. Contudo, com a centralidade do trabalho e a mudança de valor dos bens devido a lógica do sistema capitalista, essa dinâmica se modifica.

2.2. MODELOS CAPITALISTAS DE EXPLORAÇÃO:

Os modelos capitalistas de produção e exploração se manifestam ao longo da história de diversas maneiras, o Fordismo e Taylorismo exemplificam como a organização do trabalho industrial serviu como forma de controle tanto da produção quanto dos trabalhadores

ao almejar a maximização da produtividade. De acordo com Dos Santos (2011), foi com a Segunda Revolução Industrial e a inserção de novas tecnologias que deu início a uma nova fase de crescimento econômico, contudo, com a Grande Crise no século XX, o padrão tecnológico capitalista foi colocado em questionamento, surgindo a necessidade então de procurar novas maneiras de concentração de capital, modificando assim o modelo econômico.

Nesse cenário, os Estados Unidos introduzem um novo modelo de produção baseado no taylorismo e fordismo, esse padrão caracterizado por um modelo mais produtivista, apresenta uma visão rígida da separação dos processos de trabalho, da diferenciação entre “concepção e execução e monopólio do conhecimento sobre os distintos processos de trabalho”. Esse cenário de organização do trabalho significava um dinamismo em que a racionalização do ofício era mínima, em que a separação entre a execução e a organização, ou produto final, era muito rígida, sendo assim, uma produção em massa, para aumentar o consumo por parte da sociedade, o rendimento do trabalho e a exploração da sua mão de obra (Dos Santos, 2011, p.140-141).

É importante observar que, com a mudança no modelo capitalista, há também a criação de projetos para o crescimento do capital, impactando diretamente nas vidas dos trabalhadores. Nesse contexto, a sociedade disciplinar, caracterizada pela manipulação e controle dos corpos, transformando-os em máquinas treinadas que obedecem e se tornam hábeis (Foucault, 1987, p.163), é predominante, controlar e administrar os indivíduos da população era uma questão central dos detentores de poder, de acordo com Crary (2016, p.77) “surge uma tecnologia de poder que disseminou métodos de controlar o comportamento de grande número de pessoas”, seja em fábricas, escolas ou prisões, os indivíduos viviam detidos por horas e submetidos a práticas obrigatórias (Crary, 2016).

Essa sociedade de controle, que delimita seus espaços, é uma sociedade negativa, determinada pela proibição, através da coerção pela lei, os sujeitos dessa sociedade, são chamados de “sujeitos da obediência” (Han, 2017), dominados pela força da restrição. Ademais, os corpos desses indivíduos se transformam em máquinas para atender as expectativas e objetivos capitalistas, modificando- os lentamente, dedica-se uma a atenção para manipular, modelar e treinar cada corpo, para que obedeça (Foucault, 1987, p. 163).

Dessa maneira, transforma o sujeito em um ser dócil, o “sujeito da obediência” descrito por Han (2017), que pode ser utilizado e transformado até o seu aperfeiçoamento e capacidade máxima, sendo destinatário assim, de uma coerção sem pausa e codificada. Por

consequente, o corpo humano se torna objeto de produtividade, sendo definido e redefinido para operar como o sistema capitalista almejava:

a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta a força do corpo e diminui essas mesmas forças. Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte, por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. (Foucault, 1987, p.165).

Todavia, esse modelo de controle dos corpos de forma tão rígida e escancarada apresentou os seus desafios, visto que a constante vigília, negatividade e disciplina fez com que os trabalhadores adoecessem, tanto fisicamente quanto mentalmente, gerando loucos e delinquentes, ocasionando na queda de produtividade, colocando-se assim como um obstáculo no crescimento econômico (Han, 2017; Dos Santos, 2011, p.142). Dessa maneira, foi preciso repensar os modelos de produção do sistema capitalista, se mutar para, novamente, maximizar os seus lucros.

2.3. CRISE DO MODELO LIBERAL DO SÉCULO XX E TRANSFORMAÇÃO PARA NEOLIBERALISMO:

A seguir, discute-se o que se entende sobre liberalismo, para posteriormente abordar a sua crise no século XX e o surgimento de um novo modelo capitalista, o neoliberalismo. Posto isso, definir o liberalismo é, muitas vezes, uma tarefa arriscada, uma vez que o termo apresenta múltiplos significados, como por exemplo falar sobre “liberalismo político”, “liberalismo econômico” e “liberalismo moral” (Rosanvallon, 2002, p.07).

Assim sendo, neste tópico da pesquisa o foco é no liberalismo econômico, que deve ser compreendido como uma resposta aos problemas não resolvidos do liberalismo político, é “a aspiração ao advento de uma sociedade civil, sem mediações, auto-regulada” (Rosanvallon, 2002, p.08), em que o mercado se torna o verdadeiro regulador, controlador e governador da sociedade, vindo a ser um “modelo político alternativo” (Rosanvallon, 2002). Para além dessa visão, Dardot e Laval (2016) caracterizam o liberalismo do século XVIII, considerado como o “primeiro liberalismo”, pela demanda por imposição de limites ao governo do absolutismo, tentando conectar os interesses individuais com as técnicas utilitaristas do governo liberal. Desse modo, por sua característica autossuficiente, a sociedade de mercado transmite, por sua vez, uma ideia de despersonalização do mundo e

suas relações sociais as condições necessárias para o progresso e a liberdade dos indivíduos, marcando uma nova etapa na noção das relações entre os sujeitos (Rosanvallon, 2002).

Com isto posto, é preciso falar das décadas correspondentes dos anos de 1850 a 1870. De acordo com Hobsbawm (1975), nos anos de 1850 iniciou o que ele chamou de “era desmedida de avanço econômico”, houveram grandes estímulos e desdobramentos, como por exemplo, capital barato, aumento dos preços e crescimento no número de empregos (Hobsbawm, 1975), naquele momento e acreditava-se que a força motriz de todas essas mudanças teria sido o liberalismo econômico, dessa forma, com a expansão do comércio, o capitalismo tinha um mercado global. Como resultado, a produção de ferro e carvão se intensificou, chegando a produzir centenas de milhões de toneladas, entre 1850 e 1870 a produção mundial de carvão se multiplicou em duas vezes e meia (Hobsbawm, 1975, p. 48).

Além desses fatores, houve, ainda, a chegada das estradas de ferro, o que tornou o processo muito mais espalhado pelo globo, industrializado e lucrativo. Contudo, esse processo de crescimento econômico não foi constante, apresentando assim quedas violentas seguidas de *booms*, até que os preços diminuíssem e o mercado se neutraliza novamente (Hobsbawm, 1975, p.54), começando mais uma vez o processo de expansão e assim o ciclo se repetia, apresentando diversas interrupções na expansão do mercado, mesmo que passageiras.

Em contrapartida, apesar do crescimento, veio o colapso do sistema em meados de 1873. Diferentemente das quedas anteriores, esta não chegou ao fim tão rápido, de acordo com Hobsbawm (1975, p.54), “21.000 milhas de estradas de ferro dos Estados Unidos entraram em colapso e falência, ações da bolsa alemã caíram 60%” e o número de imigrantes chegando em Nova Iorque diminuiu mais de 130 mil. Dessa maneira, esse período, marcado de 1873 a 1896, foi denominado de “A Grande Depressão”, marcando assim o início de uma nova era, demonstrando que ao contrário do que se acreditava na época, o modelo econômico vigente não se provaria ser o modelo de crescimento econômico, precisava, afinal, de algumas melhorias, se revelou, na realidade ser um modelo de transição (Hobsbawm, 1975, p.55).

De forma a aprofundar na crise do liberalismo, escreve Dardot e Laval (2016), é uma crise, sobretudo, interna, pois existe uma tensão entre dois tipos de liberalismo, de um lado estão os reformistas sociais e do outro os defensores da liberdade individual. Essa divisão na unidade liberal resulta na revisão dos dogmas da filosofia econômica, como Dardot e Laval (2016) dissertam em sua obra, apoiados no pensamento de Michel Foucault (2008), “o que costuma se chamar de crise do liberalismo é uma crise da governamentalidade liberal, isto é,

uma crise que apresenta essencialmente o problema prático da intervenção política em matéria econômica e social e o da justificação doutrinal dessa intervenção” (Dardot; Laval, 2016, p.36).

Sendo assim, a crise do sistema liberal dogmático se dá pela necessidade da intervenção do governo para fazer frente aos conflitos de classe que começaram a contestar a propriedade privada. Isto posto, com essa nova realidade com novas exigências, fez com que fosse necessária uma revisão da base da ideologia liberal, que mostrou que o governo precisava intervir de forma mais extensa na vida social. Assim, foram criadas novas ideologias, como o “novo liberalismo”, que, “visava controlar as forças econômicas para evitar uma anarquia social e política, representando a questão da agenda e da não agenda em sentido favorável à intervenção política. O Estado se vê encarregado de um papel regulador e redistribuidor fundamental [...]” (Dardot; Laval, 2016, p.557).

Além disso, outra ideologia foi criada a partir da imposição da redefinição do liberalismo, denominada “neoliberalismo”. De acordo com Dardot e Laval (2016), para Rougir, a principal diferença entre liberalismo e neoliberalismo, é o entendimento da vida econômica e social com a separação da economia e as instituições sociais e políticas, pois enquanto o primeiro era entendido como uma “ordem natural”, o último seria como uma “ordem criada”.

Sendo assim, o ponto central do neoliberalismo é a relação entre as instituições e as ações dos indivíduos (Dardot; Laval, 2016). Nesse novo sistema, que se mutou do capitalismo, o “trabalhador” se torna “empreendedor” e diminuindo a exploração por terceiros, fazendo com que cada indivíduo comece a competir consigo e explorar a si mesmo (Han, 2018, p.14), movido “pelo espírito empresarial que se encontra em graus diferentes em cada um de nós e cujo único freio é o Estado” (Dardot; Laval, 2016, p.135).

Com isso exposto e dissertado, se faz necessário discutir sobre o sentimento de empreendedorismo do neoliberalismo que se relaciona com a sensação de liberdade do trabalhador. Para Dardot e Laval (2016) no neoliberalismo os indivíduos são educados para se portarem como empreendedores, de modo que cada participante tenta superar os outros na luta constante para se tornar líder, promovendo assim o desenvolvimento da máquina do mercado sob a máscara da liberdade individual.

Essa passagem para o projeto do sujeito livre do neoliberalismo, representa, na prática, uma política de maior eficiência do capitalismo, pois, sujeitos a coerções internas, o trabalhador do desempenho se enxerga na obrigação de um maior desempenho e otimização (Han, 2018). Desse modo, o indivíduo que se julga livre, na realidade explora a si mesmo

voluntariamente, o que, ainda de acordo com Han (2018), torna a exploração mais eficiente na medida em que a exploração contra a própria vontade, mesmo que continue como uma ferramenta do sistema capitalista, não é mais totalmente eficaz na produção de capital. É mais lucrativo para o sistema explorar a liberdade individual, transformando o sujeito de desempenho em “capital” e, a partir da intensificação da livre concorrência, transformar as relações humanas em uma relação “capital-capital”.

Para que esse regime de autoexploração funcione, no sistema neoliberal é disseminada a ideia de que qualquer indivíduo é capaz de produzir de forma ilimitada, principalmente pela “Violência da Positividade”, esta violência advém de uma sociedade positiva, que resulta no exagero da positividade, da intensificação do igual, da comunicação generalizada e superinformação, do exagero de compartilhamento da vida, que resulta na transparência, tornando as coisas rasas e planas, sem significado, operacionalizando as pessoas em todos os âmbitos das suas vidas, as tornando iguais, pois, como defende a positividade, todos podem fazer tudo e qualquer coisa que eles queiram ou que os outros indivíduos podem fazer. Consequentemente, essa sociedade gera uma superprodução, superdesempenho e supercomunicação sem nenhuma rejeição. É, portanto, uma coerção sistêmica, submetendo a todos uma modificação profunda por um sistema de cadeias, fazendo os sujeitos deporem de todas as suas singularidades e se tornando uma sociedade de iguais (Han, 2017; Han 2017). Isto ocorre, uma vez que, na remodelação do capitalismo, a *negatividade* - presente na sociedade da obediência - já não é mais bem vista, o exagero da positividade resulta na “Violência da Positividade” e, consequentemente, em um desempenho mais rápido e mais produtivo (Han, 2017).

Dessa forma, são produzidos seres passivos que aceitam os impulsos externos desencadeando na sua autoexploração pela constante competitividade e gerando diversas consequências na subjetividade do sujeito, visto que o fracasso na sociedade de desempenho diz respeito ao indivíduo, que é considerado como responsável pela geração de renda e culpado pelas perdas, já que no neoliberalismo a agressão é contra os próprios sujeitos e não ao sistema ou sociedade (Han, 2018).

No que diz respeito a autoexploração, ela é definida como um acontecimento político que marca o período contemporâneo, é o “desaparecimento das forças históricas que, na fase anterior da sociedade industrial, pareceu representarem a possibilidade de novas formas de existência”, o próprio indivíduo reproduz os controles exercidos externamente pela sociedade. Isto acontece, principalmente, porque o sistema capitalista atual reivindica o indivíduo por interno, tanto o aspecto físico quanto psicológico e muito além da sua vida

laboral, a lógica política e econômica começa a ser introjetada nos sujeitos, resultando em uma “identificação imediata do indivíduo com a sua sociedade e, através dela, com a sua sociedade em seu todo”. Portanto, ao incorporar esse ideal, a razão humana se transforma em submissão, a eficiência e autoexploração se dar na capacidade de reconhecimento do próprio sujeito com o sistema, agindo como se não houvesse força repressora, mas sim de livre e espontânea vontade (Marcuse, 1964, p.30-31).

Ademais, segundo Jonathan Crary (2016), o neoliberalismo influencia até mesmo no tempo do ser humano, que passa a ser considerado ilimitado. Assim, há uma expansão do tempo pela “inscrição generalizada da vida humana” (Crary, 2016, p.18) e de acordo com o princípio de seu funcionamento contínuo, não há mais separação entre jornada de trabalho e vida pessoal, tornando a liberdade vendida pelo sistema neoliberal ilusória. Ainda de acordo com Crary (2016), o mundo contemporâneo é um mundo não social, pois para o funcionamento e desempenho do ser humano como máquinas eficientes, é necessária a suspensão dos outros aspectos da vida, tanto com o outro, quanto consigo mesmo, demonstrando, assim, como o sistema capitalista invade todos os aspectos da vida.

Em consonância com as obras e análises de Byung-Chul Han apresentadas acima, Crary (2016) defende que há um custo humano para arcar com a sociedade de desempenho. Assim como Han (2018) discute sobre os efeitos na subjetividade dos trabalhadores, Crary (2016) comenta sobre o tempo 24/7, em que o neoliberalismo afeta até mesmo o sono e a “fragilidade humana é cada vez mais inadequada” (Crary, 2016, p.19), de modo que o sono se torna desnecessário ou, em alguns casos, um luxo. Passa a ser normal a abdicação deste para uma jornada de trabalho contínua, ininterrupta, e as necessidades dos indivíduos e a sua própria sobrevivência são consideradas dispensáveis, posto que para o sistema capitalista nenhum valor pode ser extraído do sono que, por isso, seria um “roubo de tempo” (Crary, 2016, p.20). Mas os sujeitos produtivos devem ser máquinas de eficiência contínua.

De tal forma, o capitalismo contemporâneo defende o sujeito de desempenho constantemente envolvido e operando, principalmente pela dissolução da barreira entre o profissional e o pessoal, pela necessidade de transformar o ser humano cada vez mais em uma máquina de alta performance seja pela autoexploração e *Violência Positiva* ou pela tentativa de eliminar até a última “barreira natural” do indivíduo: o sono. Segundo Crary (2016, p.16), “a negação do sono é uma desapropriação violenta do eu por forças externas, é o aniquilamento de um indivíduo.”, é explorar uma vulnerabilidade, tanto emocional quanto física, uma forma de tortura psicológica pensada para tornar os trabalhadores submissos, aumentando seu tempo de produção e o capital da empresa.

Dessa forma, é possível analisar que há uma expectativa do sistema neoliberal que os indivíduos estejam disponíveis, online e produtivos a todo momento, criando-se a ideia de que descansar é uma falha, às vezes, um fracasso, demonstrando que o capitalismo além de querer dominar o trabalho, também quer dominar a vida pessoal. A ideia da autoexploração dentro do sistema neoliberal, suas implicações e consequências, dentre outros fatores serão discutidos de forma mais aprofundada no próximo capítulo, visto que o estudo da autoexploração nesse modelo econômico é o foco principal deste trabalho.

3. CAPÍTULO 2: O Ciclo Vicioso da Autoexploração

3.1. O SUJEITO DE DESEMPENHO:

Este capítulo busca examinar mais profundamente os indivíduos que trabalham na sociedade neoliberal contemporânea, denominados de sujeitos de desempenho, contudo, para um melhor entendimento, é necessário fazer uma breve análise, primeiramente, sobre a sociedade disciplinar, visto que o sujeito de desempenho é o desdobramento do sujeito disciplinar (Cardoso; Gonçalves; Gutiérrez, 2022, p.53).

Portanto, a estruturação da sociedade disciplinar se dava por meio de confinamentos, os indivíduos transitavam entre um espaço fechado e outro, seja a família, escola, fábrica, hospital ou prisão (Deleuze, 1992). De acordo com Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez (2022), uma sociedade com instituições profundamente segmentadas demonstram de maneira visível a divisão dos papéis e da ordem do trabalho, revelando quem detém poder e quem não detém, onde devem estar e o que podem fazer. Dessa maneira, a violência acontece de maneiras diferentes de acordo com o papel do indivíduo e em qual instituição ele está.

Nessa perspectiva, citando Cardoso, Gonçalves e Gutiérrez (2022, p.47) quando se apoiam em Goffman (1974), a sociedade disciplinar é organizada por “espaços totais de violência” e as relações e posições de poder/hierarquia eram precisas. Portanto, é marcada pela negatividade da proibição, sendo assim, uma sociedade negativa (Han, 2017), contudo, esse modelo com espaços de reclusão logo chega ao seu limite, de acordo com Deleuze (1992) esse movimento começa no pós Segunda Guerra Mundial, em que novas forças adentram no sistema e que não conseguem ser contidas, para o autor, “tratava-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam” (Deleuze, 1992, p. 220).

Nesse sentido, o colapso do método disciplinar como principal meio de coerção, se dá por chegar ao seu limite de forma rápida, não conseguindo mais suprir os desejos e ambições de produção capitalista, logo se percebeu que o sujeito cansado, desmotivado e violentado não iria maximizar as produções, Han (2017, p. 25) evidencia isso quando escreve “negatividade da proibição tem um efeito de bloqueio, impedindo um maior crescimento” e ainda ao apontar que a negatividade dessa sociedade gera “loucos e delinquentes” como consequência do seu totalitarismo, aprisionamento e exploração.

Sob essa perspectiva, há a mudança de estrutura, da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho, essa nova força “faz parte da investida neoliberal que mirava e ainda mira o estabelecimento de uma racionalidade coletiva”, as ideias neoliberais apenas podem ser atingidas se houver o enfraquecimento do autoritarismo e poder disciplinar (Cardoso; Gonçalves; Gutiérrez, 2022, p.49), pois estes limitam as ações dos indivíduos, gerando bloqueios, como já foi abordado anteriormente.

Por conseguinte, a técnica de poder do neoliberalismo é mais sutil, flexível, mais positiva, o sujeito de desempenho, entendido como o indivíduo que internaliza o discurso neoliberal de produtividade excessiva, autoexploração e liberdade (Han, 2017), é mais rápido e mais produtivo, esse sistema se mostra mais eficiente do que o disciplinar pelo fato de não se basear na proibição e castigo, mas sim através da satisfação, deixando-as cada vez mais dependentes, mas também pela diferenciação da dominação, visto que agora as próprias pessoas se submetem a dominação (Han, 2018, p. 26). Nesse sentido, o poder na sociedade neoliberal passa a ser anônimo, passando assim, a impressão da sua inexistência, fazendo com que os indivíduos se sintam cada vez mais livres, sentimento o qual o regime vai explorar. Dessa maneira, é a partir dessa sensação de liberdade que o neoliberalismo faz o seu sistema de controle social eficaz, uma vez que os indivíduos se sentem livres, mas de fato, não são, é criado um novo estado de submissão e dominação através da exploração da liberdade (Cardoso; Gonçalves; Gutiérrez, 2022, p.50).

De tal modo, conclui-se que o neoliberalismo entende que ao dominar contra a vontade dos indivíduos, como na sociedade disciplinar, os resultados não são tão altos quanto quando os indivíduos produzem com a sensação de “liberdade”, pois eles trabalham acreditando que estão realizando desejos próprios e que estão se beneficiando e crescendo com tal ato, buscando sempre um melhor desempenho e melhorar as suas capacidades, elevando assim a produtividade e os lucros.

Contudo, é importante ressaltar que há uma transição, ou melhor, uma evolução, entre o sujeito disciplinar e o sujeito de desempenho, visto que na sociedade contemporânea, acontece um aperfeiçoamento do sujeito disciplinar, a dominação agora não se limita ao físico, ao corpo humano, mas também a psique, pois na sociedade de desempenho o poder “é mais afirmador que navegador, mais sedutor que repressor. Ele se esforça em produzir emoções positivas e explorá-las. “Seduz, em vez de proibir. Em vez de ir contra o sujeito, vai ao seu encontro.” (Han, 2017). Diante disso, é possível perceber que há uma evolução entre as sociedades e seus métodos de exploração do sujeito, o modificando de sujeito disciplinar para sujeito de desempenho, nos tópicos a frente serão discutidas de forma mais profundas as

ideias de performance, autoexploração e as consequências do regime neoliberal no sujeito de desempenho.

3.2. A ESTRUTURA POR TRÁS DA CRIAÇÃO DO SUJEITO DE DESEMPENHO E LÓGICA DA COMPETITIVIDADE

O sujeito de desempenho, discutido no tópico anterior, está inserido dentro de um sistema, o neoliberal, dessa forma, é importante para a análise tratar sobre a estrutura desse sistema na construção da lógica da competitividade no sujeito liberal, visto que a autoexploração, a busca constante da excelência e maximização dos lucros são consequências de políticas estruturais do sistema neoliberal, pois o sujeito “não é uma substância eterna nem uma invariante trans-histórica, mas efeito de discurso que se inserem na história e na sociedade” (Dardot; Laval, 2016, p.316).

Sob esse prisma, destacando a importância do discurso na formação dos indivíduos na sociedade, a partir do século XVII, começa a enunciar um novo discurso científico que busca proclamar o que o indivíduo é, o que ele deve fazer, agir, entre outros aspectos. Este tem como objetivo modelar o sujeito da sociedade de acordo com as suas necessidades particulares, o discurso científico começa a andar lado a lado com o capitalismo, na tentativa de transformar este sujeito em um “animal produtivo e consumidor”, dando início a racionalidade neoliberal (Dardot; Laval, 2016).

Contudo, antes de discutir sobre a racionalidade e estrutura do neoliberalismo atualmente, é preciso dar um passo para trás e entender como funcionava o sistema na sociedade antiga, uma vez que a estrutura atual é uma mutação da que já existia. Nesse sentido, Dardot e Laval (2016, p.318) denominam o sujeito ocidental antigo de heterogêneo, a divisão da sua vida em esferas diferentes possibilita tanto uma separação quanto conexão das esferas da sua vida, de acordo com os autores essa heterogeneidade resultava na independência das instituições e normas, mesmo que não necessariamente houve um equilíbrio entre as esferas.

Entretanto, com o avanço das tecnologias políticas e econômicas, como a democracia e o capitalismo, o sujeito moderno se dividiu em dois, “o cidadão dotado de direitos inalienáveis e o homem econômico guiado por interesses, o homem como “fim” e o homem como “instrumento”.” (Dardot; Laval, 2016, p.318). Essa divisão resultou em um desequilíbrio, dando maior ênfase à segunda esfera, o homem econômico, apontando um desenvolvimento de uma lógica das relações humanas condicionadas à regra do lucro

máximo, como Dardot e Laval (2016) revelam, apoiados nos pensamentos de Marx e Weber. Portanto, pode-se entender que a liberdade subjetiva desses indivíduos se submeteu ao sistema capitalista.

A partir disso, é possível examinar e identificar algumas estratégias estruturais do capitalismo. Assim como Dardot e Laval (2016, p.319) afirmam, os sujeitos nunca teriam se convertido de forma voluntária à sociedade industrial e mercantil, há grandes processos de normatização e técnicas disciplinares por trás de cada ação. Nesse sentido, foi necessário pensar em uma estratégia que fosse convincente e atrativa aos sujeitos da sociedade da época, assim como também, implantar. Foi-se, então, preciso uma ““estratégia sem estrategista”, os tipos de educação da mente, de controle do corpo, de organização do trabalho, moradia, descanso e lazer que seriam a forma institucional do novo ideal de homem, a um só tempo indivíduo calculador e trabalhador produtivo” (Dardot; Laval, 2016, p.319).

Em decorrência dessa nova normativa, foram produzidos indivíduos aptos a funcionar nesta ordem capitalista e social recente, de produção e consumo em níveis alarmantes. Dessa maneira, essa estratégia sem estrategista, conduz os sujeitos por uma “mão invisível”, dando uma falsa sensação de liberdade de escolha, esse novo governo, além do corpo físico, também se insere no pensamento, orientando e estimulando cada indivíduo, moldando cada sujeito a responder como uma engrenagem de uma máquina destinada a atender as necessidades do sistema.

À luz dessa análise, a sociedade industrial criou o sujeito produtivo, o seu foco não era apenas aumentar a produção, mas também redefinir o poder como essencialmente produtivo e estimulante de produção (Dardot; Laval, 2016, p.320). Considerando essa abordagem, no sistema neoliberal na sociedade atual, ao contrário das sociedades antigas, é marcado por uma homogeneização do indivíduo e da empresa, múltiplas técnicas foram utilizadas para a criação desse sujeito de desempenho, como dito inicialmente, ele não se voluntaria para o sistema, ele é moldado ou até mesmo criado pelo sistema (Dardot; Laval, 2016).

No que tange às técnicas para criação desse sujeito, elas diferem da sociedade disciplinar, que predominava a coerção, adestramento dos corpos e docilizar os indivíduos, agora é preciso, entretanto, levar em consideração a subjetividade do sujeito, pois ela deve estar inteiramente envolvida nas atividades realizadas pelo indivíduo (Dardot; Laval, 2016). Dessa maneira, trata-se de enxergar no ser humano um sujeito ativo que deve participar *inteiramente*, se entregando por completo a sua vida profissional, “o sujeito unitário é o sujeito do envolvimento total de si mesmo” (Dardot; Laval, 2016, p.322).

Nessa nova estrutura, o desejo do sujeito é manipulado, sendo o alvo da nova estrutura de poder. O efeito que essa estrutura busca é influenciar os indivíduos de tal forma, que eles comecem a trabalhar para as empresas como se estivessem trabalhando para si mesmos, tentando, dessa forma, eliminar o sentimento de alienação pela distância entre o indivíduo e a empresa (Dardot; Laval, 2016, p.322). Com isso, é vendida uma idéia para os sujeitos de desempenho, que eles devem trabalhar para sua própria eficácia, para demonstrar os seus esforços e apresentar resultados para eles mesmos, melhorando os seus ganhos e gratificações. Os indivíduos são manipulados e moldados de tal forma, que acredita, que essa conduta é deles próprios, como se fosse uma ordem do seu próprio desejo e que não consegue resistir (Dardot; Laval, 2016).

Todavia, ao contrário da lógica de menor alienação no sujeito de desempenho, o que esse sistema provoca é uma alienação total com a falsa ideia de liberdade, autonomia e obedecer os próprios desejos, quando na realidade, o desejo do sujeito de desempenho é o desejo do outro, demonstrando assim as técnicas de motivação, estímulos, incentivos e toda uma estrutura por trás da criação do sujeito de desempenho e da competitividade.

3.3. ILUSÃO DA LIBERDADE E A AUTOEXPLORAÇÃO

No âmbito dessa lógica, a competitividade exercida pelos trabalhadores na sociedade contemporânea não é algo que se desenvolve naturalmente, mas sim, que é criado e modelado a partir da exploração e manipulação dos indivíduos, principalmente, das suas liberdades, assim como Han (2018, p.13) afirma, “a liberdade individual é uma servidão na medida em que é tomada pelo capital para a sua própria multiplicação”.

Dessa maneira, o foco deste tópico é discutir como a liberdade pregada pelo sistema neoliberal é transformada em uma autoexploração do sujeito de desempenho, para isso, primeiramente, é preciso voltar aos autores centrais do tópico anterior, Dardot e Laval (2016), para aprofundar na compreensão de como a estrutura do sistema capitalista atual criou esse ideal de liberdade. De acordo com esses autores, a racionalidade neoliberal transforma os indivíduos em empresas de si mesmo e a venda do ideal de liberdade acontece justamente a partir da “cultura das empresas” que produzem “sujeitos empreendedores”, diante disso, esse novo governo de sujeitos coloca a empresa como objeto de realização pessoal e espaço de competição, em o trabalhador deve estar em processo de desenvolvimento e competição constantes, ser cada vez mais eficaz, mais envolvido no trabalho, se aperfeiçoar o máximo possível, ser flexível, dentre vários outros requisitos (Dardot; Laval, 2016).

Diante disso, os sujeitos de desempenho se tornam especialistas de si mesmos, seu próprio empregador e empreendedor, a economia se torna uma disciplina pessoal (Dardot; Laval, 2016, p.325). Portanto é justamente pela “liberdade de autogestão” que os indivíduos acreditam ser livres das coerções externas dos quais eram submissos, nesse novo modelo acredita-se ter mais autonomia, maior lucro, maior flexibilidade e oportunidade, ser empreendedor de si é visto como a nova forma de ser e de atingir o sucesso, afinal tudo depende de você mesmo.

Sob tal raciocínio, Han (2018) disserta que o empreendedorismo, na realidade, tem um resultado contrário a liberdade, ele faz com que os indivíduos agora se submetam às suas próprias coerções, na forma de constantes obrigações de desempenho e otimização de si, dessa maneira, a liberdade provoca coerções internas. Assim como exposto no capítulo anterior, na sociedade contemporânea há uma violência da positividade, a qual a todo momento provoca o sujeito e o incentivando, mostrando que ele é capaz de qualquer coisa, pois ele é livre e todos os seus esforços são recompensados, os sujeitos da sociedade de desempenho tem o poder, a possibilidade de fazer qualquer coisa, a liberdade de fazer qualquer coisa, diferentemente da sociedade disciplinar, que se caracterizava pelo dever de fazer as atividades, a grande mudança de um para o outro é que a coerção advinda do poder é ilimitada (Han, 2018, p.10). Por conseguinte, é favorável para o sistema econômico incentivar e aprimorar cada vez mais a violência da positividade, pois está traz consigo uma maior possibilidade de coerção dos sujeitos de desempenho, para operarem cada vez mais, aumentando os lucros, já que são capazes de fazer qualquer coisa, porque não fazer? Por esse motivo, a sociedade atual se encontra em uma situação paradoxal, visto que o sujeito se enxerga livre e com poder de fazer tudo o que quiser, contudo há o sistema neoliberal que manipula os seus interesses e ambições, moldando os seus desejos para gerar maior lucros e assim resultando em cada vez mais coerções internas para os indivíduos.

Seguindo essa linha de pensamento, o neoliberalismo explora todas as formas de liberdade, Han (2018, p.10) coloca que “O sujeito do desempenho, que se julga livre, é na realidade um servo: é um servo absoluto, na medida que, sem um senhor, explora voluntariamente a si mesmo.”. Contudo, manter a ilusão da liberdade é importante, enquanto o neoliberalismo explora todas as instâncias do indivíduos, gera uma competição entre os sujeitos do desempenho, para ter maiores resultados, maior capacidade, maior eficiência, resultando também na individualização do sujeito, essa competitividade resulta, a priori, da liberdade individual de poder agir, faz com que o capital se multiplique, transformando a liberdade individual em uma servidão (Han, 2018).

Portanto, nos dias atuais, o trabalhador explora a si mesmo e é a sua própria empresa, a luta de classe agora também se transforma em uma luta contra o próprio sujeito (Han, 2028, p.15), até mesmo a forma de produção mudou, o que antes era caracterizado por um coletivo, agora é marcado pela solidão em que o empreendedor luta em detrimento de si e se auto explora, em uma constante competição de desempenho contra ele mesmo e contra os outros. Essa lógica neoliberal do sujeito assumir toda e qualquer responsabilidade por seus fracassos e assim, emergindo um sentimento de vergonha e de “poderia fazer melhor”, coloca o indivíduo em constante atividade de se aperfeiçoar e melhorar o seu desenvolvimento para o sistema, contudo, o que seria o ponto chave e, assim, mais importante, em momento algum se cria uma resistência ao sistema, “a agressão é dirigida contra nós mesmos. Ela não transforma os explorados em revolucionários, mas sim em depressivos.” (Han, 2018, p.16).

Diante disso, pode-se fazer vários questionamentos, a lógica neoliberal realmente tem como resultado aquilo que ela prega? Na sociedade contemporânea, os sujeitos de desempenho, atuando como trabalhadores na sua própria empresa ou como funcionário em uma empresa alheia, com suas horas de trabalho estendidas e flexíveis a demandas, com sobrecarga de atividades dentro e fora do ambiente de trabalho, que agora já se estende para além das quatro paredes das empresas, com o senso de imediatismo no cumprimento das funções, do constante desenvolvimento para aperfeiçoar o seu “eu” profissional e ser melhor do que o outro indivíduo em uma lógica de competição constante, dentre vários outros fatores que também são importantes para a análise, após a exposição de todas essas coisas, ainda parece certo falar que a sociedade atual é regida por uma liberdade e autonomia do sujeito trabalhador e que seu sucesso depende apenas dele em uma economia de mercado irregular?

Nesse contexto, para trazer um exemplo prático, os autores Yazici Cörü e İlker Cörüt (2021) abordam a autoexploração do sistema neoliberal, ao analisar a história de Aida, uma mulher que mora em Bishkek, que começou trabalhando em uma fábrica e posteriormente abriu sua pequena empresa a partir de créditos de empréstimos. A sua história, a princípio aparenta ser de sucesso, contudo, ao observar de maneira mais crítica é possível perceber o que lhe foi cobrado, de acordo com a sua entrevista (Cörü; Cörü, 2021, p. 11), Aida já não consegue mais separar a sua vida pessoal e profissional, além de não controlar o seu tempo, a entrevistada comenta que já não dorme mais e que trabalha por volta de 16 horas por dias nos últimos 10 anos. Com base nisso, fica claro as questões trazidas neste tópico, o alto custo para se manter em uma sociedade de ambiente competitivo, de mercados irregulares, de crença que o valor do indivíduo está naquilo que ele consegue produzir, da manipulação da liberdade por parte do sistema neoliberal para fazer com que o sujeito de desempenho consiga

operar em níveis cada vez mais altos e da culpabilização dos indivíduos por todos os seus fracassos. Em suma, como Han (2018, p.44-45) disserta sobre as técnicas neoliberais e a liberdade do sujeito de desempenho:

Não se apodera do indivíduo de forma direta. Em vez disso, garante que o indivíduo, por si só, aja sobre si mesmo de forma que reproduza o contexto de dominação dentro de si e o interprete como liberdade. Aqui coincidem a otimização de si e a submissão, a liberdade e a exploração. Esse estreitamento entre liberdade e exploração na forma de exploração de si escapa ao pensamento de Foucault.

4. CAPÍTULO 3: A Internalização da Competitividade e da Autocobrança no Trabalho

4.1. A TIRANIA DA POSITIVIDADE E O TRABALHO NO NEOLIBERALISMO

Dando continuidade na análise de como o sistema neoliberal manipula os indivíduos e os utiliza para maximizar seus ganhos, será abordado agora como a estrutura maneja as emoções dos sujeitos de desempenho, se apropriando de técnicas, principalmente no que se refere ao discurso da positividade. A partir disso, o pensamento positivo nasce como um discurso moral, em todos os âmbitos da sociedade, contudo, no trabalho a sua forma aparece mais agressiva, Ehrenreich (2017) discute em seu livro, *Sorria ou morra: A armadilha do pensamento positivo*, sobre a sua experiência ao analisar o mundo dos trabalhadores, como a positividade era constantemente pregada como forma de incentivo, aceitação e, mais do que isso, de obrigação moral.

É apontado que nos grupos dos trabalhadores e nas empresas há um consenso de acabar com a *negatividade*, aceitar as adversidades e até mesmo agradecer, como exemplo, Ehrenreich (2017) cita que pessoas haviam sido demitidas de seus empregos, estavam com muitas dívidas e em situação de pobreza, porém, eram instruídas a olhar a situação como uma nova oportunidade, que o pensamento positivo é a chave e que reclamar sobre qualquer obstáculo é uma desculpa, portanto, a positividade começa a ser vista como uma espécie de oração (Ehrenreich, 2017).

Considerando tais aspectos, a sociedade de desempenho, não permite a *negatividade*, ou seja, a tristeza, desânimo e tédio, são sentimentos que são constantemente evitados e marginalizados, pois, assim como abordado anteriormente, sentimentos negativos são menos produtivos e, conseqüentemente, evitados, mesmo que de maneira pouco consciente. As emoções são empregadas e manipuladas pelo regime neoliberal para que seus trabalhadores consigam atingir cada vez mais produtividade, a manipulação da racionalidade foi substituída pela emoção, dessa maneira, o neoliberalismo é capaz de explorar a subjetividade do indivíduo (Han, 2018, p.69).

Logo, para aprimorar e aumentar o seu processo produtivo, o sistema neoliberal impulsiona a transformação das emoções, promovendo aquelas que criam estímulos para o trabalho, as compras, as necessidades e que até mesmo modelam comportamentos e formas de pensar (Han, 2018), como por exemplo, acreditar que ser demitido é uma oportunidade,

que não estar empregado é culpa do sujeito e não do sistema, que o sucesso na criação de qualquer empreendimento depende única e exclusivamente do esforço individual e, principalmente, que tudo dará certo se agir de forma positiva, excluindo toda e qualquer negatividade.

Assim sendo, as emoções se transformaram em instrumentos ideológicos utilizados para justificar as ações da economia e também possibilitou reconfigurar as concepções de trabalho e trabalhador, remodelando-as para satisfazer as necessidades empresariais (Cabanas; Illouz, 2019). Dito isso, as emoções estão intimamente ligadas ao mundo do trabalho contemporâneo e o seu funcionamento, a subjetividade dos sujeitos de desempenho se tornou uma das preocupações centrais dos gerentes. Dessa maneira, explorando mais a fundo o trabalho no neoliberalismo, a expansão desse sistema econômico resultou em uma maior fluidez nas relações entre trabalhadores e empresas, maior exposição e aceitação aos riscos, maior competitividade e flexibilidade das hierarquias. Com isso, surgiu uma nova forma de pensar o trabalho e as suas relações, uma nova ética de trabalho (Cabanas; Illouz, 2019, p.97).

Dentro dessa nova ética, houveram muitas mudanças, contudo, as principais delas seriam a desconstrução da noção de segurança adquirida pelo contrato entre os trabalhadores e empresas e, como já discutido acima, o novo modelo psicológico adotado para entender essa nova realidade econômica, a positividade. Dessa forma, as organizações passam a enxergar e tratar cada empregado como uma empresa, essa mudança de perspectiva imposta pelo neoliberalismo, resulta em um abandono de vários pressupostos do sistema capitalista antigo, na sociedade industrial, o principal deles é o da segurança tanto econômica quanto de trabalho, pois foi preciso um novo contrato de trabalho que unisse o trabalhador a empresa, porém, que permitisse com que a última parte ficasse livre de qualquer responsabilidade (Cabanas; Illouz, 2019, p.98).

Como resposta, a autonomia e responsabilidade dos trabalhadores foram ampliadas, foram transformados em “empresas de si mesmos”, ideia vendida pelo neoliberalismo, e, enquanto empresa, eles deveriam sobreviver e prosperar por si mesmos, criando maior competitividade e retirando a responsabilidade das empresas que os empregam. Outra grande mudança se deu na concepção dos sujeitos de desempenho, estes passaram de “força de trabalho” para “capital humano”, o primeiro termo se refere a um ativo em que a empresa investia, o segundo, contudo, se refere a um recurso de valor econômico que a empresa adquire e que trabalham por conta própria. Além disso, houve também a substituição da ideia de “carreira” para “projetos”, a defesa do uso deste último seria que o projeto possibilitaria

uma maior autonomia para os trabalhadores assumirem o controle das suas vidas, a aceitação destas ideias, portanto, foi vista com oportunidade para as empresas, que encontram as justificativas necessárias para responsabilizar de forma legítima os trabalhadores (Cabanas; Illouz, 2019, p.99).

Desta maneira, é possível perceber que as emoções, com a psicologia da positividade e a forma de trabalho no neoliberalismo estão intrinsecamente conectados. O sistema manipula os sujeitos de desempenho de tal maneira que estes reproduzem e se colocam no lugar de subordinação, seguindo as regras impostas pelo neoliberalismo, beneficiando as empresas e o sistema financeiro, enquanto os trabalhadores estão cada vez mais vulneráveis, porém com uma falsa sensação de autonomia, felicidade e realização pessoal que mascara toda a estrutura por trás do sistema.

4.2. A DITADURA DA EXCELÊNCIA

A alta produtividade do sujeito de desempenho, a necessidade de ser o melhor, a alta competitividade, dentre vários outros fenômenos partem de uma mesma origem, a tentativa de ser perfeito, o perfeccionismo, seguir essa tendência é visto como um símbolo de sucesso às custas do sacrifício pessoal na sociedade contemporânea (Curran, 2023). Logo, para uma análise mais detalhada, é preciso primeiro entender o que é o perfeccionismo.

Para Curran (2023), no mundo atual os indivíduos apresentam a necessidade de serem perfeitos e isso se deve a muitos fatores, visto que o sistema atual é hipercompetitivo e que a glória é apenas para os vencedores, ser mediano é significado de fracasso, a possibilidade de se contentar com o quem se é e o que já possui é admitir derrota. De acordo com essa perspectiva, portanto, a sociedade atual procura e almeja a perfeição, qualquer coisa que não seja, é descartada, entrar nessa cultura é inevitável em algum momento, o perfeccionismo é entendido como um “mal necessário”. O único obstáculo, contudo, seria que por definição a perfeição é impossível de ser alcançada.

Pode-se perceber, então, que a busca da perfeição é infinita, é um esforço que não termina, porém, é em vão. Mas porque continuar tentando? O comportamento do indivíduo é definido pela relação com a sociedade que ele está inserido, na sociedade atual, ser perfeito é a regra, dessa maneira, quando todos aparentam ser perfeitos ou tentam alcançar a perfeição e que este é o caminho para o sucesso, é apenas lógico que se faça o mesmo (Curran, 2023). O ideal de perfeição, portanto, não é apenas um desejo subjetivo, mas o reflexo de uma estrutura que impõe a visibilidade como forma de existência e a única forma de conseguir

esta atenção seria por suas conquistas. Na sociedade da exposição, ser é mostrar-se; o eu torna-se projeto de exibição constante, em que a aparência de sucesso vale mais que o conteúdo da experiência.

A sociedade positiva então, a contemporânea, também é uma sociedade *expositiva*, a comunicação e o acesso à informação são utilizados para intensificar a coação do sistema capitalista, operacionalizando e acelerando todo processo de modificação do comportamento social, dessa maneira, a aceleração do crescimento capitalista, a exploração do indivíduo sobre si mesmo, a competitividade e a busca incessante da perfeição caminham lado a lado com a exposição dos indivíduos nos dias atuais. Na sociedade expositiva, o sujeito se torna o próprio objeto de propaganda, se expõe mostrando o que faz, o que conseguiu, ganhou ou aperfeiçoou, contudo, a autoexposição faz os processos e as conquistas vazias de sentido e transformadas em mercadorias, o seu valor é perdido (Han, 2017).

Uma vez que o prazer de algo é perdido quando posto sob holofotes, ele já não é mais o seu prazer, “A coação expositiva leva a alienação do próprio corpo, coisificando e transformando em objeto expositivo, que deve ser otimizado.” (Han, 2017, p.33). Portanto, o mundo se transforma em um palco de exposição, gerando uma coação com qualquer que seja o tema explorando no momento, como discutido anteriormente, a perfeição é um tema recorrente em qualquer âmbito da vida do sujeito. Dessa maneira, em última instância, não se pode dizer com certeza nem se seu desejo é realmente seu ou foi lhe imposto pela sociedade e hipercomunicação, “A coação por exposição nos rouba, em última instância, nossa própria face; já não é possível *ser* a sua própria face.”(Han, 2017, p.35).

Seguindo essa lógica, portanto, com a hipercomunicação, as pessoas são induzidas a pensar de uma forma similar, compartilhando os mesmos interesses, objetivos, aparências, dentre outros aspectos, criando uma reação em cadeia do igual, a sociedade se transforma em um “abismo infernal do igual” (Han, 2017, p.10). Logo, voltando a análise da ditadura da excelência pela perfeição, o perfeccionismo não é uma decisão ou até mesmo um desejo individual, mas sim uma decisão cultural, se o sujeito está almejando ser perfeito, é porque o mundo está exigindo isso dele. Portanto o perfeccionismo é uma lógica perversa de coação, o sujeito de desempenho nunca se enxerga, ou as suas conquistas, como suficientes ou fruto das suas capacidades, a maioria das vezes são vistas como sorte ou analisando o que se deve melhorar para a próxima, o indivíduo está sempre em busca de mais sucesso, contudo, sempre que se chega na meta colocada, ela se transforma em outra, nunca alcançando a excelência e se distanciando a cada vez que está perto, fazendo o sujeito de desempenho

trabalhar cada vez mais. Dessa forma, o sistema se desenvolve e lucra como nunca visto antes e os trabalhadores colapsam, como nunca visto antes também (Curran, 2023).

4.3. O COLAPSO DO EU:

Para analisar e entender o colapso do eu, sendo o “eu” o sujeito de desempenho, é preciso, primeiramente, voltar à estrutura do sistema capitalista vigente. O poder no neoliberalismo não se limita a lutar contra a resistência e compelir à obediência, não depende da violência, o poder neoliberal é silencioso, permissivo, não se opõe a liberdade, ele a instrumentaliza. De tal forma que o regime neoliberal se mostra mais sutil, até mesmo mais flexível, o sujeito de desempenho não é consciente da sua submissão e por isso, ele se sente livre e, por decorrência disto, o sujeito se sente mais agradado e satisfeito, buscando cada vez maior motivação, otimização e realizações, para além de obedientes, os indivíduos se tornam dependentes do sistema e se submetem à dominação por si mesmos (Han, 2017, p.26).

Em vista disso, o neoliberalismo é mais sedutor que opressor, se demonstrando mais poderoso, escapando da visibilidade e agindo de maneira sutil. A dominação simplesmente acontece, não encontrando resistência, pois o sistema atua de tal forma que não há o que resistir, pois “a livre escolha é extinta em prol de uma livre seleção entre as ofertas disponíveis”, manipulando assim a sensação de liberdade (Han, 2017, p.27). O sujeito de desempenho não se submete a um trabalho de maneira compulsória, mas de boa vontade, o trabalho é entendido como uma forma de alcançar prazer e realizações, logo não estaria trabalhando para terceiros, mas sim, para si mesmo, “empreendedores de si mesmos”. Contudo, essa liberdade em relação ao outro não lhe proporciona emancipação, ao contrário, se transforma em novas formas de coações (Han, 2017, p.83).

Dessa forma, como abordado no tópico anterior, o sujeito coloca em si expectativas irreais, que ficam cada vez mais difíceis de serem alcançadas, a coação que ele está submetido pelo sistema neoliberal, força-o a produzir cada vez mais e, se essa meta fosse alcançada, a produção, teoricamente, seria estagnada. Portanto, o sistema está estruturado para que o sujeito se cobre e se supere todos os dias para produzir mais e gerar mais lucro, manipulando as suas emoções, fazendo-o se sentir culpado por não atingir metas inalcançáveis, como resultado disso, o indivíduo “se transforma em uma máquina de desempenho, que pode funcionar livre de perturbações e maximizar seu desempenho”. De tal modo, a sociedade de desempenho gera um cansaço e esgotamento excessivo, consequências da tentativa do sujeito de ser perfeito, de atingir todas as suas metas, de ser melhor do que o seu adversário e da

constante competição. Dessa maneira, “o excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma” (Han, 2017, p. 70-71).

Sob essa perspectiva então, nasce o século das doenças neurais, quando, a partir das cargas horárias exaustivas, a comparação, competitividade, alta produtividade, o excesso de positividade, dentre vários outros fatores, esgotam o ser, quando o sujeito de desempenho chega ao seu limite, quando ele colapsa. Em consequência disso, as doenças neurais são cada vez mais comuns na sociedade atual, tais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), transtorno de personalidade limítrofe (TPL) e síndrome de Burnout (SB) (Han, 2017, p.07).

Apesar da multiplicidade de doenças que podem ser resultadas do colapso do sujeito de desempenho, o trabalho irá analisar diretamente apenas a síndrome de Burnout. O termo Burnout, inicialmente, era utilizado para se referir a adictos que com o uso excessivo de drogas, as suas faculdades mentais já não operavam da maneira esperada, o uso do termo para se referir ao colapso no trabalho se deu quando foi percebido sintomas parecidos entre os adictos e os sujeitos de desempenho. Assim, quando os limites do indivíduo são ultrapassados, não há um balanço entre as áreas da sua vida, seu foco constantemente no trabalho e produzir mais, o corpo manifesta os sinais do colapso mental de forma física, “burnout” se refere ao que vem depois (Chabot, 2018, p.08-09).

Logo, assim como Chabot (2018) coloca em seu texto referenciando Freudenberg, “Sob a pressão de viver em nosso mundo complexo, seus recursos internos são consumidos como que pelo fogo, deixando um grande vazio interior, embora seu exterior possa permanecer mais ou menos inalterado.” (Chabot, 2018, p.09, *tradução nossa*). Sob essa perspectiva, a partir da tentativa de sucesso no sistema no mundo atual, de sempre tentar trabalhar mais, se superar e superar aos outros, os indivíduos negligenciam eles mesmos, as suas próprias necessidades e os sintomas do burnout, qualquer coisa que não esteja correlata com o trabalho é vista como um obstáculo para a produtividade (Chabot, 2018).

Como consequência dessa doença, as vítimas, mais precisamente para essa análise, os trabalhadores, se tornam cada vez mais isolados, podem começar a se drogar para ficarem ativos por mais tempo, o seu comportamento muda drasticamente, o indivíduo passa por um processo de “despersonalização”, perdendo o contato e ligação com seu próprio corpo e suas necessidades, tudo isso em nome da produtividade, autoaperfeiçoamento e realizações. Logo, em nome de uma ilusão criada pelo neoliberalismo (Chabot, 2018).

Entretanto, é pertinente questionar qual seria a causa primeira de tal colapso. De acordo com Chabot (2018), o ponto de partida para o colapso do sujeito seria a necessidade

de reconhecimento, este seria uma gratificação simbólica do trabalho realizado, a confirmação do valor profissional do indivíduo, porém, mais do que isso, seria o reconhecimento do tempo gastado da vida do sujeito para fazer o trabalho. Dessa forma, como na sociedade neoliberal, o tempo é precioso e serve para gerar lucros, gastar tempo fazendo uma atividade significa um sacrifício pessoal e, com isso, desejam o reconhecimento do seu sacrifício.

Não obstante isso, o reconhecimento transforma o sofrimento em prazer, todas as horas não dormidas, os horários desajustados, a falta de alimentação, o isolamento, as dores físicas e psicológicas, todas essas questões e muitas outras presentes no cotidiano de milhares de sujeitos de desempenho, viria a valer a pena se o seu trabalho fosse reconhecido. No entanto, no caso da sociedade atual, isto seria uma armadilha, visto que, com os ideais perfeccionistas nenhum resultado seria bom o suficiente para receber uma gratificação, sempre pode melhorar e se superar. Logo, a falta de reconhecimento é um dos fatores primordiais do colapso, sem a transformação do sofrimento do processo no prazer do reconhecimento, toda a dor e fadiga sentida não podem ser superadas pelo pensamento positivista, que o resultado final recompensa. Agora, a exaustão é dupla, “de trabalhar e de trabalhar em vão”. Portanto, com o nível alto de autocobrança e de cobrança externa dos sujeitos de desempenho, o trabalho se torna algo doloroso, o seu sentido se perde (Chabot, 2018, p.49-51).

Em suma, com a constante competição, tanto consigo mesmo quanto com os outros indivíduos, carga horárias exorbitantes, para além do local de trabalho, a autocobrança, o ideal de perfeccionismo, a corrida para sempre alcançar metas irreais e as infinitas possibilidades, o que se tem como consequência é o colapso do eu, a exaustão do sujeito, o desenvolvimento de doenças neurais pela tentativa fracassada de atingir os ideais neoliberais e o seu ritmo acelerado, de tentar superar as outras pessoas e a si mesmo a todo custo, até mesmo ao seu próprio, com esvaziamento de propósito e da alma. Portanto, como Han (2017, p.86) coloca, “o sujeito de desempenho se realiza na morte”, seria o único momento de auto superação.

5. CONCLUSÃO:

A partir da análise do trabalho foi possível entender que, pensar a autoexploração e o esgotamento do sujeito de desempenho implica repensar a própria noção de humanidade na era neoliberal. Sob essa perspectiva, este trabalho teve como objetivo investigar como o discurso político e econômico neoliberal manipula e remodela a vida dos trabalhadores, em todas as esferas das suas vidas, apresentando consequências tanto físicas como psicológicas, modificando a sua noção de liberdade e criando novas formas de subjetivação, produzindo, dessa maneira, a autoexploração do sujeito que se julga livre.

A investigação permitiu constatar, desde o início, como o neoliberalismo começou a agir no sistema político e econômico, a partir da crise do modelo liberal do século XX, como remodelou as noções de trabalho, de modelos de exploração e produção, como criou o sujeito de desempenho, assim como também a sua falsa noção de liberdade. Em seguida, foi-se tratado de maneira mais esmiuçada sobre o sujeito de desempenho, como este foi transformado do sujeito da sociedade disciplinar para o sujeito da sociedade de desempenho, destacando as suas principais diferenças e características e como as lógicas desses sistemas de exploração foram atribuídas a estes indivíduos.

Além disso, a lógica de competitividade, a tirania da positividade, a ditadura da excelência também foram tratados. Por fim, e como parte central deste trabalho, foi abordado o colapso do eu, que seria a expressão máxima do esgotamento psíquico e emocional do sujeito de desempenho, o qual o neoliberalismo utiliza até o seu limite. Logo, ao manipular e transformar a liberdade em obrigação e o desempenho em moral, o neoliberalismo produz um sujeito que se autoexplora e, ao fim, se desintegra sob o peso das próprias exigências. O colapso do eu, portanto, não é desvio ou exceção, mas o efeito estrutural de uma lógica que reduz o ser à produtividade.

Diante disso, conclui-se que pensar o sujeito de desempenho na sociedade neoliberal, é questionar a noção de humanidade no neoliberalismo. A crítica deste trabalho se respalda em refletir e analisar a existência do sujeito de desempenho, que tem as suas emoções, pensamentos e, o seu princípio de liberdade utilizados como instrumentos de um sistema político e econômico, que faz os indivíduos viverem baseados no limite, sempre acelerado, buscando mais, se sentindo inferior, nos extremos, capaz de tudo e todas as coisas pelas infinitas possibilidades que o discurso neoliberal prega e, ao mesmo tempo, um fracasso completo, visto que são apenas seres humanos que não podem atingir a perfeição e obter todas as coisas que estão disponíveis.

Dessa forma, este trabalho busca contribuir para o debate sobre a necessidade de reencontrar um modo de vida que não se resume a performance, atingir metas, alcançar resultados e buscar a perfeição, mas, justamente ao contrário, para lembrar, que os indivíduos não se resumem ao trabalho que fazem, que no caminho de tentar alcançar o inalcançável, eles se perdem, se esvaziam de sentido da vida. Contudo, mais do que isso, que a promessa feita da liberdade e autonomia que depende apenas do nível de produção do sujeito de desempenho não beneficia ninguém senão o próprio sistema neoliberal.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CABANAS, Edgar; ILLOUZ, Eva. **Happycracia: cómo la ciencia y la industria de la felicidad controlan nuestras vidas**. Barcelona: Paidós, 2019.

CARDOSO, Artur Junior Santos; GONÇALVES, Lucas Rocha; GUTIÉRREZ, Victoria Antonieta Tapida. **O Neoliberalês: um ensaio filosófico sobre o idioma da sociedade do desempenho**. Nova Petrópolis, RS: Ed. do Autor, 2022.

CHABOT, Pascal. **Global Burnout**. Londres: Bloomsbury, 2018.

CÖRÜT, Gözde Yazici; CÖRÜT, Ilker. **The neo-liberal conception of empowerment and its limits: micro-credit experiences of self-employed women on the bazaars of Bishkek**. *Journal of Political Power*, v. 14, n. 2, p. 257–276, 2021.

CRARY, Jonathan. **24/7: capitalismo tardio e os fins do sono**. Ubu Editora, 2016.

CURRAN, Thomas. **The Perfect Trap: Embracing the Power of Good Enough**. Londres: Cornerstone Press, 2023.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

EHRENREICH, Barbara. **Sorria ou morra: a armadilha do pensamento positivo**. São Paulo: Geração Editorial, 2017.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Editora Vozes Limitada, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. Loyola, 2008.

HOBSBAWM, Eric J. **A era do capital: 1848–1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

HUWS, Ursula. **Labour in Contemporary Capitalism: What Next?** Londres: Palgrave Macmillan, 2019.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.

ROSANVALLON, Pierre. **El capitalismo utópico: historia de la idea de mercado**. Barcelona: Paidós, 2002.

DOS SANTOS, Paulo Roberto Félix. **A intensificação da exploração da força de trabalho com a produção flexível: elementos para o debate**. O social em Questão, n. 25/26, p. 137-156, 2011.

SÁVTCHENKO, Iúri. **Que é trabalho?** Moscou: Progresso, 1987.

ZGIET, Jamila. **Saúde mental e moral capitalista do trabalho: a dialética das alienações**. Curitiba: Appris, 2021.